



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CARLOS AUGUSTO DA SILVA JÚNIOR**

**CULTURA POPULAR NO ALTO ALEGRE:  
UMA EXPERIÊNCIA ETNOBIOGRÁFICA E VISUAL  
DO CARIRI PARAIBANO.**

**SUMÉ - PB  
2017**

**CARLOS AUGUSTO DA SILVA JÚNIOR**

**CULTURA POPULAR NO ALTO ALEGRE:  
UMA EXPERIÊNCIA ETNOBIOGRÁFICA E VISUAL  
DO CARIRI PARAIBANO.**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Professora Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.**

**SUMÉ - PB  
2017**

S586c Silva Junior, Carlos Augusto da.  
Cultura popular no Alto Alegre: Uma experiência etnográfica e visual do Cariri Paraibano. / Carlos Augusto da Silva Junior. Sumé - PB: [s.n], 2017.

45 f.

Orientadora: Professora Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de Licenciatura em Ciências Sociais

1. Etnografia visual. 2. Cultura popular - Sumé. 3. Etnobiografia. 4. Quadrilha junina – Sumé. 6. Cosme Nunes – Fotografias. I. Título.

CDU: 39:77(043.1)

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

**“CULTURA POPULAR NO ALTO ALEGRE: uma experiência  
etnobiográfica e visual no Cariri Paraibano”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Ciências Sociais do Centro  
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido  
da Universidade Federal de Campina Grande  
como requisito para obtenção do título de  
licenciado em Ciências Sociais.

**Aprovada em: 10/05/2017.**

**NOTA: 9,0 (NOVE )**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Luciana Maria Ribeiro de Oliveira  
(Orientador – UAC!S/CDSA/UFCG)



Prof. M.e. Vinícius Ramos Bezerra  
(Examinador Titular – UAEDUC/CDSA/UFCG)



Prof. Dr. Oswaldo Giovaninni Júnior  
(Examinador Titular – UFPB)

## RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo etnobiográfico de um dos representantes da cultura popular do bairro Alto Alegre, Cosme Nunes. Com base no seu discurso e de outros moradores, a pesquisa tem como objetivo principal pensar e interpretar sua importância para trazer à tona a memória das festividades de outrora. A pesquisa se caracteriza como etnográfica, com fundamentos da antropologia visual compartilhada para obtenção dos resultados. Os recursos imagéticos possibilitam poder documentar com fotografias, filmagens e gravação de áudio, relatos que pudessem contribuir para obtenção dos resultados. Dessa forma é importante a inclusão recursos audiovisuais como forma de aproximação e documentação. Com a finalidade de propagar e incentivar que as gerações seguintes tenham aquele documento imagético como forma de exaltação da cultura do bairro.

**Palavras Chave:** Cultura popular. Memória. Etnografia visual. Etnobiografia

## **ABSTRACT**

This paper presents the results of an ethnobiographic study of one of the representatives of the popular culture of the Alto Alegre neighborhood, Cosme Nunes. Based on his speech and other residents, the main objective of the research is to think about and interpret its importance to bring to light the memory of the festivities of the past. The research is characterized as ethnographic, with foundations of shared visual anthropology to obtain the results. The imaging resources make it possible to document with photographs, filming and audio recording, reports that could contribute to obtaining the results. Thus, it is important to include audiovisual resources as a form of approximation and documentation. In order to propagate and encourage subsequent generations to have that imagery document as a way of exalting the culture of the neighborhood. Through the research it was possible to achieve some results such as: understanding the memory of local popular culture in a peripheral neighborhood of a small-scale city such as Sumé and its influences on local dynamics.

**Keywords:** Popular culture. Memory. Visual Ethnography. Ethnobiography.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo de quatro anos diversas pessoas contribuíram de alguma forma para que minha estadia em Sumé, fosse a mais agradável possível. Pessoas inesquecíveis que levarei comigo para todo resto da vida. Sou eternamente grato por tudo que fizeram por mim.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais a toda atenção dada e apoio emocional e financeiro ao longo desse tempo.

Agradeço aos meus padrinhos na Antropologia Luciana Ribeiro e Oswaldo Giovannini por toda contribuição acadêmica dada e por permitir que meu trabalho fosse efetivado sem nenhuma dificuldade que pudesse me deixar desmotivado com a pesquisa. Com certeza esse meu contato com vocês fizeram a diferença no meu direcionamento dentro da Antropologia.

Obrigado Natalia Cavalcanti por todo carinho depositado ao longo desses anos, paciência e ser minha maior motivadora acadêmica. Sou eternamente grato por ter você em minha vida.

Obrigado Eduardo Souza, Roni Andrade, Milena Jordana, Anessa Fernanda, Cristina Gomes, Djair, Alexandro, Cosme Nunes, Oswaldo Giovannini, Ivandielly Meneses, Luana Maia, Rayza Cavalcanti, Josenildo Oliveira, e todos os integrantes do GUETU Sumé e João Pessoa por toda contribuições indiretas que engrandeceu meu trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>EXPERIÊNCIA VISUAL EM CAMPO.....</b>	<b>11</b>
2.1	TRAJETO EM CAMPO.....	12
2.2	CÂMERA EM AÇÃO.....	15
<b>3</b>	<b>AFETAÇÃO E ETNOBIOGRAFIA.....</b>	<b>18</b>
3.1	RAINHA DA SUCATA: MEMÓRIA & TRADIÇÃO.....	21
3.2	EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NA OFICINA DE FOTOGRAFIA.....	25
<b>4</b>	<b>FOTOGRAFIA ETNOBIOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES DA FOTOGRAFIA PARA A ANTROPOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
4.1	ENSAIO FOTOGRÁFICO: COSME NUNES .....	30
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma atividade da disciplina de Antropologia Visual (UFCG) em 2016 ficou combinado a produção de um filme etnográfico de tema livre. Diversas ideias foram colocadas em evidência pelos integrantes do grupo. Havia um conflito de interesses, pois cada um queria que sua ideia fosse concretizada com o filme. Minha ideia seria poder retratar o lazer masculino nos dias de segunda, dia de feira livre em Sumé, buscando identificar as categorias propostas por Magnani (2002) de mancha, pedaço e trajeto<sup>1</sup>.

A dificuldade para produção desse filme ficou no debate ético da exposição dos personagens. Com isso comecei a ficar preocupado com a falta de tempo e o prazo estava se encerrando. No mesmo período iria acontecer um evento intitulado de Simpósio da Cultura de Matriz Africana de Sumé-PB, organizado por populares. Confesso que fui sem perspectiva para esse evento com o preconceito de que seria mais um congresso falando de relações raciais, na qual já estava saturado.

O evento começou, estava meio tímido por não conhecer ninguém, então peguei meu caderno de anotações e comecei a observar as pessoas ao redor, uma enorme presença de idosos com diversas feições. A mesa foi composta por cinco homenageados. Ao meu lado estava um negro idoso, bem vestido com uma camisa com detalhes amarelo com vermelho, boina e calça branca, com um enorme saco com algo dentro. Fiquei bastante curioso para entender o que aquilo representava.

O primeiro discurso foi o de Maria do Socorro, historiadora da cidade, trazia consigo memórias dos africanos Sudaneses que habitaram Sumé e se estabeleceram no Alto Alegre, bairro popularmente negro. Aquilo realmente me afetou, nunca imaginei que a influência negra em Sumé poderia ser tão forte como exprimia os debatedores daquela mesa redonda, exceto o grupo de capoeira e os terreiros de candomblé da cidade, fora esses dois mencionados não imaginei que poderia ser tão rico de informações de negros em Sumé.

---

<sup>1</sup> O termo trajeto surgiu da necessidade de categorizar uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria pedaço. Enquanto esta última, como foi visto, remete a um território que funciona como ponto de referência – e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, de vizinhança, origem e outros – trajeto aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. Não que não se possa reconhecer sua ocorrência no bairro, mas é justamente para pensar a abertura do particularismo do pedaço que essa categoria foi elaborada. É a extensão e principalmente a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas: esta é uma primeira aplicação da categoria. Na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, trajetos ligam pontos e manchas, complementares ou alternativos: casa /trabalho /casa; casa /cinema /restaurante /bar; casa /posto de saúde /hospital /curandeiro - eis alguns exemplos, dos mais corriqueiros, de trajetos possíveis.

Após a mesa redonda, começou as apresentações culturais, iniciou-se com a capoeira. A roda contava com cerca de vinte integrantes, o som do berimbau estava rápido, instigando o jogo. Aos poucos a intensidade do berimbau foi diminuindo e o senhor negro que estava ao meu lado, entrou com sua boneca de pano para dançar, fiquei deslumbrado com a performance.

O mediador do evento, ficou mencionando diversas vezes “dança com a kalunga” e minha curiosidade foi aumentando, no mesmo instante anotei em meu caderno esse nome para que pudesse ir a fundo na pesquisa depois. O nome Kalunga, me fez lembrar do trecho da música “Yáyá Massemba<sup>2</sup>” que narra a trajetória dos escravos no navio negreiro vindo ao Brasil, interpretada por Maria Bethânia:

*“Que noite mais funda calunga  
No porão de um navio negreiro  
Que viagem mais longa candonga”*

As apresentações acabaram. Então cheguei timidamente para conversar com o homem chamado de Cosme Nunes. Mal sabia que essa conversa e aproximação poderia resultar em inúmeras investigações de cunho científico. Começamos conversando sobre racismo, ele perguntou se eu já tinha sofrido algum tipo de preconceito. Eu disse que sim, então ele me contou suas experiências de racismo na cidade. Com medo de perguntar se poderia fazer um trabalho contando sua história e a tradição de dançar com a Kalunga, sendo assim criei coragem e perguntei. Entusiasmado ele não cogitou e aceitou imediatamente. Após ele aceitar, tive mais confiança em demonstrar minhas intenções com ele, e saquei o meu bloco de anotações da bolsa e comecei a escrever pontos de sua fala que pudessem montar minha narrativa fílmica.

Cheguei em casa empolgado contando as novidades para meu amigo Eduardo Souza, que fazia parte do grupo da disciplina, e dos rumos que o filme ia tomar a partir daquele momento, contei toda história a ele e, assim como eu, também ficou fascinado por Cosme. Com pouco tempo para iniciar as gravações me encontrei novamente com Cosme em sua casa para que ele me falasse mais de sua trajetória com a dança da boneca. O que eu não esperava é que sairia dali com um caderno cheio de dados importantes que finalmente resultaram no filme etnográfico “Como Antigamente”<sup>3</sup>.

A intervenção fílmica possibilitou uma frequência maior dentro do bairro, muito embora os equipamentos audiovisuais, chamem atenção no primeiro momento, podendo inibir os

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=j3MLNFPGEpw>

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=jvv0fmD0SuQ&t=1s>

entrevistados. Minha experiência foi ao contrário, os recursos de cinema me aproximaram dos moradores. O entusiasmo em perceber que uma pessoa de fora estava preocupada com a cultura deles foi muito frutífero para o trabalho e indagações sobre a cultura popular vieram à tona. A esse respeito, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha afirmam que:

Se a etnografia de rua se apoia no uso de recursos audiovisuais, como câmeras de vídeo ou fotografia, o olhar do antropólogo por vezes assume um lugar de destaque. Se em muitos momentos é a situação de interação a que irá introduzir o uso do equipamento audiovisual no trabalho de campo, em outros é a câmera de vídeo ou a máquina fotográfica que irá inserir o antropólogo no seu lugar de pesquisa. (ECKERT; ROCHA, 2002; p. 2)

A reciprocidade existente na minha relação com Cosme possibilitou contar com ele em diversas apresentações de sua dança e até leva-lo para uma aula de fotografia que ministrei para crianças do ensino básico da escola Zélia Braz<sup>4</sup>, tendo como objetivo principal trabalhar a fotografia como reconstrução da memória local. Minha intenção foi incentivar que os alunos valorizassem os artistas populares mais antigos. Com a falta de incentivo por parte das instituições do município, os mesmos tendem a ficar anonimato.

No primeiro instante pensei em focar minha pesquisa de conclusão de curso na ressignificação dos conflitos no período de São João do bairro supracitado. Minha relação com Cosme já estava bem sólida, nos encontrávamos frequentemente. Pensava sim em fazer um trabalho com ele futuramente, mas não nesse momento. Estava me preparando para discutir um tema específico<sup>5</sup> e foquei minhas leituras, até que fui surpreendido com uma dica<sup>6</sup> que mudou os rumos do meu trabalho. A indicação referida se tratava de trabalhar com a biografização de Cosme, numa perspectiva contemporânea da antropologia, intitulado de etnobiografia. A priori fiquei um pouco espantado, por não ser familiarizado com o termo denominado e também por ser acostumado academicamente a sempre pensar e analisar grupos sociais.

Assim, diante das ricas experiências iniciais por mim vividas e aqui resumidamente relatadas, me proponho neste trabalho a fazer uma Etnobiografia do brincante popular Cosme Nunes. Como se poderá ver ao longo de minha escrita e as narrativas acerca do mesmo, é possível perceber sua importância para a construção identitária do bairro Alto Alegre.

Trabalhar com a biografia de um senhor negro que sempre residiu no bairro Alto Alegre e reconhece a influência dos negros dentro das festividades populares que hoje não existem

---

<sup>4</sup> Escola Pública Municipal, Localizada no município de Sumé.

<sup>5</sup> Meu primeiro tema de pesquisa era trabalhar a segregação do espaço público na praça principal de Sumé - PB

<sup>6</sup> Dica do professor Oswaldo Giovanni em momento de conversa informal.

mais, é poder com o discurso dele fazer um resgate da memória coletiva do Alto Alegre. Com esse trabalho me proponho a ouvir suas histórias e poder analisar o contexto cultural do bairro.

Seguindo a perspectiva fílmica do cineasta Jorge Prelorán, que se propôs trabalhar com o gênero etnobiográfico em seus trabalhos, narrou práticas biográficas de moradores da zona rural da Argentina, Rocha e Eckert acrescentam que:

Ver seus filmes foi reconhecer uma prática de cinema antropológico de construção de personagens que narram suas práticas e saberes cotidianos em paisagens rurais ou rururbanas de esforços de plantio, mas também de artesanato, pinturas, tecelagem e um mundo de rituais e festejos populares em base cosmográfica e cosmológica. (ECKERT; ROCHA., 2016. p. 4)

Prelorán (2006) evidenciou as culturas da Argentina com o intuito de compreender o conceito de Argentinidade e identidade nacional. Sua imersão na vida /desses habitantes em terras inóspitas, resultou em diversos documentos fílmicos que causa a reflexão sobre o modo de vida descentralizado da capital. Portanto, “Dentro desse cinema etnográfico se encontra o subgênero das etnobiografias, que incidem sobre a história de vida de um indivíduo através do qual se procura conhecer não só a sua realidade pessoal, mas a cultura na qual ela está enraizada.”(tradução minha) (PRELORÁN, 2006. p.20). dessa maneira os proximos capitulos elucidará experiências visuais e etnobiograficas dentro do bairro Alto Alegre em Sumé.

## 2 EXPERIÊNCIA VISUAL EM CAMPO

Estar em campo com uma máquina DSLR é antes de tudo um desafio, uma câmera vistosa que chama atenção pelo tamanho da lente. Apontar para alguém e fotografar causava um certo desconforto em mim, e certamente nos outros. Tive que criar estratégias metodológicas para poder prosseguir. Ter Cristina Gomes<sup>7</sup> como interlocutora da minha pesquisa foi fundamental para minha aproximação com os habitantes, além de me sentir confortável em andar com uma moradora do local.

Como mencionado, o bairro Alto Alegre teve uma forte influência de Africanos Sudaneses e é notável a presença de pessoas negras na região. Para mim, enquanto pesquisador negro presente com uma câmera na mão andando para cima e para baixo, não esperava causar tanto estranhamento por parte dos moradores. Porém, o fato de ser estudante universitário, fazendo pesquisa no *pedaço*<sup>8</sup> deles acabou por colaborar para um estranhamento inicial com relação a minha presença.

Conversando informalmente com minha interlocutora Cristina, descobri que a curiosidade em saber quem eu era imperou num determinado momento inicial. As perguntas frequentes referidas a ela eram sobre minha origem e o que eu estava fazendo lá. – “*Quem é aquele negão desse tamanho, ele é africano?*”; “*Esse negão deve fumar uma maconha danada, com esse cabelo e ainda é universitário*”. O fato de frequentar muito a casa de Cristina virou alvo de fofoca. Em diálogo com ela, expõe como os moradores percebiam minha presença, segue transcrição do nosso diálogo:

Causa impacto porque você é grandão, é o Africano, olha ele tá com a câmera tá filmando, isso ai de qualquer forma vai causar um impacto e uma sensação de estranhamento na população, por que não está acostumada. Hoje em dia não, depois que você já chega, já sabem que você é meu amigo, todo mundo já chega e já conversa, não tem tanto estranhamento, por vezes alguns falam, outros não. Não é receio a palavra, mas não são tão próximos, mas os que são não causa, quando você chega falam com você, passa na rua e já te conhece. Mas causou estranhamento, com certeza. Não somos acostumados a ver gente com a câmera na mão a não ser jornalista, algum repórter da rádio, ou se aconteceu um fato extraordinário na cidade, mas assim não é de nosso

---

<sup>7</sup> Moradora do bairro Alto Alegre e estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA)

<sup>8</sup> O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (Magnani, 1998, p. 116).

convívio ter pessoas com máquina (transcrição de uma conversa gravada em vídeo. 30/04/2017, Sumé-PB).

A suspeita inicial por parte deles me deixou um pouco dessituado em caminhar por lá. Diante de tantas desconfianças persisti em frequentar as imediações da casa de Cristina e, aos poucos, estava sendo menos estranho para eles e também eles para mim. O fato de participar de festividades e comer as comidas que me ofereciam contribuiu para minha aceitação no cotidiano deles. Posteriormente aos ocorridos era frequente os moradores chegarem para me dizer que gostavam de pessoas que não tem frescura com nada. Ser estudante universitário e estar junto com eles compartilhando e curioso pela cultura deles foi positivo para se sentirem confortáveis com minha presença.

Importante enfatizar que meu contato com os recursos audiovisuais com o intuito de fazer pesquisas no bairro só aconteceu depois que conheci Cosme no evento afro supracitado na Introdução. Até aquele momento eu ainda não conseguia enxergar com estranhamento os fenômenos recorrentes. Sempre visitava a casa de Cristina e para mim a imagem do bairro era comum, não conseguia transcender meu olhar a nenhuma indagação antropológica. Confrontar emocionalmente nosso olhar, com intuito de estranhar o familiar, possibilita que o pesquisador consiga sair um pouco da zona de conforto e procurar novas interpretações sobre os fenômenos analisados (VELHO, 2013). Portanto, “observar o familiar” foi o maior desafio desta pesquisa.

Com o aumento da minha presença no bairro, pude notar que o cuidado para que não cruzasse determinados espaços veio à tona por Cristina. O pesquisador ao caminhar com a câmera, acha que está imune a determinados tipos de violência, então o freio por parte dos moradores se tornou uma regra dentro de minha pesquisa. Prossegurei essa questão no próximo tópico.

## 2.1 TRAJETO EM CAMPO

Minha relação no ambiente de pesquisa, após os momentos de estranhamento e aceitação, me garantiu confiança e compromisso com a população. Lidar com a câmera em campo, serviu de auxílio para meu diário de campo. A esse respeito, Caiuby Novaes ressalva que:

Importa perceber o quanto a fotografia aparece como recurso estratégico que se alia ao caderno de campo, permitindo registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras, seja pela densidade visual daquilo que registramos, seja por seu aspecto mais sensível e emocional (NOVAES, 2012; p.13)

A gravação do filme “Como Antigamente” foi minha primeira intervenção com a câmera e os moradores, tive a oportunidade de fotografar e filmar depoimentos que até então não existia documento, produzir o filme foi importante para criar algo sólido da cultura deles. Poder analisar como os indivíduos se comportam diante da câmera, detalhes gestuais que no ato da gravação passou despercebido.

Durante um ano produzi diversas imagens no campo e com o campo. Minha afetação pelo período junino do bairro adveio através das gravações do filme. Assim, a relação da câmera com as pessoas foi se tornando de proximidade, deixando-me bem mais confortável em poder chegar perto e filmar próximo a eles, sem a necessidade de utilizar uma lente de aproximação. Acompanhei a quadrilha do Alto até sua Apresentação na praça José Américo, praça central da cidade e, ao final, produzi um pequeno curta metragem mostrando a trajetória e o desabafo final do Marcador Titio<sup>9</sup>. O mesmo reivindicava maior presença da prefeitura nas quadrilhas de bairro, afirmou que se tivesse apoio e incentivo financeiro com premiação os moradores participavam como antes.

Estar junto com eles, saber um pouco de determinados significados contribui para que eu pudesse montar minha narrativa fotográfica. Inspirado em Novaes quando comenta que “quando o pesquisador consegue estabelecer relações de confiança entre aqueles que se pesquisa e se o pesquisador tem, além disso, uma sensibilidade treinada saberá quando e o que pode fotografar” (CAIUBY NOVAES. 2012. p. 17). Assim, existiam ambientes e determinados grupos de pessoas ( geralmente crianças e idosos) que eu não tinha proximidade e sabia através de sinais corporais que os mesmos não se sentiam confortáveis em serem fotografados. Em torno desse debate, houve também um momento em que eu tive que ir na casa de um interlocutor numa área considerada por alguns como violenta do Alto Alegre, a Vilinha<sup>10</sup>, nesse tipo de situação ninguém precisava dizer que a câmera causaria desconfiança por parte dos moradores, por que já era evidente no olhar das pessoas. Sentido essa desconfiança eu optava por guardar a câmera e apenas observar.

Dialogando com Cristina, sempre entrávamos na discussão de onde eu poderia andar para fotografar. Muito embora eu permanecesse em campo por mais de um ano, existia ainda locais em que eu não poderia fotografar. Então essa discussão entra na ceara do trajeto que eu

---

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4rk8jkgXIoI>

<sup>10</sup> Local onde existia uma dinâmica de tráfico de drogas no Alto Alegre.

poderia percorrer em campo como pesquisador. Segue um trecho da nossa conversa transcrita de gravação em vídeo:

Cristina: Por que primeiro eles têm a privacidade deles, eles não gostam, eles gostam primeiro de saber quem é. O fato é de não ser roubado mesmo, não é porque estava andando comigo que não poderia acontecer, por eu ser do bairro. Mas é porque tem determinado local que eu não sou, tenho conhecimento, mas não é muito minha área. Eu conheço muita gente e tudo mais. Você viu que quando a gente começou a gravar lá (Vilinha) entrou duas pessoas, para olhar o movimento. Até que o dono da casa fez até um gesto para não ligar. Isso antropologicamente tem uma explicação sim, cada um tem o seu pedaço, sua mancha. Não dá para invadir.

Augusto: meu pedaço é aqui nessa sua rua é um local onde eu me sinto tranquilo em andar e em outros determinados eu não posso andar porque não faz parte mais do seu pedaço.

Cristina: Nós não somos daquele pedaço de forma alguma, somos do mesmo bairro, o bairro é um só. De norte a sul, leste e oeste, da rua da igreja para cá nós somos um bairro só. Mas não sou do pedaço da rua, minhas amizades não são aquelas, são colegas que eu vejo e reconheço por conta das crianças. Por que moram no bairro (30/03/2017. Sumé/PB)

Perante o exposto, Cristina tinha preocupação com minha integridade, como foi mencionado, mesmo andando com ela corria o risco de acontecer algo comigo, ser assaltado ou alguém marcar minha residência para tirar satisfação do que eu estava filmando, levando em consideração que Sumé é uma cidade pequena.

Me perceber enquanto pesquisador, tornou em mim uma cautela em cruzar determinados espaços, além da preocupação de estar incomodando ou forçando algo. Em vista que existem diferentes formas de apropriação do mesmo espaço, o sentido polissêmico do bairro, não necessariamente está relacionado a dizer que todos os moradores são amistosos, como Cristina menciona, ela reconhece as pessoas, mas não as conhece. No entanto, as relações de vínculos estão entrelaçadas pela forma de sociabilidades existente no Alto Alegre. A vista disso, Magnani observa que:

No contexto do bairro, por exemplo, uma das formas de apropriação do espaço, como foi visto, tem como referência a articulação de vínculos já existentes - de família, vizinhança, procedência - resultando na sociabilidade típica do *pedaço* (MAGNANI,1996. p.18.).

A sequência do próximo tópico elucidará a quadrilha da associação de capoeira do Alto Alegre, na qual, tive a oportunidade de participar e registrar. Foi minha primeira intervenção durante uma festividade junina diretamente dentro do bairro.

## 2.2 CÂMERA AÇÃO

Cheguei lá por volta das 17:30. O movimento da rua não estava grande, poucas pessoas trafegando e outras voltadas para arrumação do espaço onde as quadrilhas iriam se apresentar.

Cristina Gomes e Massixte Souza organizam essa festa com o intuito de resgatar a cultura popular junina do bairro que aos poucos foi se perdendo para centralização das festas na praça pública. Melhor explicitado por ela:

O São João que a gente faz de frente de casa é para não perder a tradição da fogueira, da comida de milho, do encontro das pessoas na porta de casa. Sempre vem gente de Campina (Campina Grande), o pessoal família sempre gosta de estar lá, porque faz as brincadeiras, assa milho, fica conversando, a gente dança lá na porta. Mas a quadrilha mesmo, faz dois a três anos que a gente faz. Pelo objetivo de ter na associação. Ter todas as datas comemorativas da capoeira. Então tendo em vista isso, a gente fez aquela quadrilha ano passado e foi uma grande proporção de pessoas que gostaram muito de ter as apresentações e nós, para que o bairro não fique sem nenhuma atividade junina. Não ser só lá no centro e sim no nosso bairro comendo comidas típicas, podemos fazer várias outras coisas, ter apresentações, que muita gente não vai descer lá para praça mas vem para perto do seu bairro, então esse é um dos objetivos, para aquelas pessoas que não vão lá para o centro e ficam aqui perto, não é a quadrilha rainha da sucata é a quadrilha da capoeira (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 06/04/2017, Sumé/PB).

Aos poucos as pessoas foram chegando, todas bem trajadas de acordo com o período. Diferente das músicas que estavam tocando na praça pública (fórró estilizado), lá estava voltado para o fórró mais tradicional. Tinha uma presença muito grande de adolescentes e crianças. Minha posição diante da festa era a melhor possível, divulguei para todos meus amigos que moram no centro para comparecerem. Nesse dia minha namorada e sua irmã estavam hospedadas aqui em casa. Minha cunhada morou na cidade durante cinco anos e nunca havia ido ao bairro Alto Alegre. Como eu estava focado em fotografar e não perder nenhum momento não pude dar atenção às duas. Depois de uns vinte minutos elas foram embora, no começo fiquei sem entender. Quando cheguei em casa perguntei porque elas não ficaram na festa. E a resposta foi a seguinte:

Acho que é tão tradição que a gente não conseguiu se inserir, acho que é algo mais deles, foi essa sensação que tive. E a mãe de Rhay falou que ali era perigoso também (fragmentos do meu diário de campo. 26/06/2016, Sumé/PB).

O que se percebe é que o estigma acerca do bairro como legitimação da violência é corriqueiro dentro da cidade. O Alto alegre além de ser meu ambiente de estudo é onde eu cultivei diversas amizades. No entanto, ao circular pelas redondezas do meu apartamento no centro de Sumé, vez ou outra eu converso com as pessoas e percebo que elas tem um certo receio em frequentá-lo. Geograficamente o Alto alegre é um bairro de uma extensão territorial grande. O mesmo agrupa vários setores, como pontos de referência, por exemplo. As casas perto da igreja, as perto da Serra, perto do calçadão e a Vilinha. Quanto mais esses referenciais se afastam do centro e da igreja, mas estigmatizado eles são. Quando minha cunhada descobriu pela mãe de Rhay que lá era violento, pude perceber que mesmo moradora de uma parte próxima à igreja como a mãe dela, usou o discurso da violência, para definir o local da festa. Quanto mais baixo, maior o estigma. A Vilinha se encontra na parte mais baixa e nela contém uma dinâmica de tráfico de drogas, o que provoca diversos imaginários de violência sobre local. E, como destaca Teresa Caldeira (1997): “na verdade, o medo do crime acaba modificando todos os tipos de interação pública no espaço da cidade.”

Sucedendo essa reflexão. Houve uma sequência de quatro apresentações de danças. Quem iniciou foi Cosme com sua dança com a boneca. Logo em seguida, nove meninas entraram em cena e dançaram a música Sala de Reboco do compositor sumeense Zé Marcolino e, por final, ficou a tradicional quadrilha junina entre jovens e adultos.

No momento das apresentações era impossível ter um caderno para anotar detalhes que pudessem contribuir para a pesquisa, até mesmo depois do evento, após algumas imersões alcoólicas tradicionais na cultura da festa e mesmo necessárias para ser e me sentir inserido na dinâmica local. A bebida serviu também como integração com o local, no início eu cheguei focado para registrar o evento e recusei alguns copos, já recebia piadas do tipo: “porque você não vai beber?”; “bora rapaz, toma um gole!”. Deste modo, reconheço essa atitude como forma de integração com *ethos* étílico local.

Outra de minhas inquietações ao fotografar em campo era a dualidade entre fotografia artística e fotoetnografia. Antes de iniciar minhas pesquisas na área de antropologia visual eu apenas estudava fotografia por hobby, com o tempo minha base teórica foi aumentando e consequentemente fui buscando literaturas referentes ao uso da fotografia dentro da

antropologia. Sempre busquei registrar tudo com o máximo de naturalidade possível. Com o tempo fui percebendo que dependendo do campo e do contexto cultural, naturalmente as pessoas vão sorrir para sair bem na foto. Nesse contexto, Caiuby Novaes comenta:

Poses e encenações estão sempre presentes, principalmente em frente a uma câmera. Isso não diminui a “realidade” da cena ou das pessoas fotografadas. Poses, uma roupa especial, arranjos de cabelo são índices importantes de como as pessoas querem que sua imagem seja vista pelos outros. Correspondem a uma construção de autoimagem que deveria ser de interesse ao pesquisador. Todo mundo quer “sair bem no filme!”. Neste sentido, fotos posadas são igualmente documentais: elas documentam a imagem que o fotografado quer exibir de si (NOVAES, 2012: p. 23).

Minha preocupação, diante o exposto, era a interferência de meu corpo, a presença que meu corpo e a câmera provocariam na naturalidade dos moradores, em campo. Pensar que minha presença poderia determinar alguma reação de desconforto no fotografado foi umas das indagações e inquietações momentâneas ao longo da pesquisa. Então Cristina expõe que:

Foi importante porque todo mundo queria dançar bem, queria ser valorizado na filmagem. É o menino da universidade, quando fala universidade, cresceeee!!! É um impacto fora do limite (fragmento de uma conversa gravada em vídeo. 30/03/2017 – Sumé/ PB).

Depois de expor isso a mim em uma conversa informal, pude perceber que eu não era “neutro” no ambiente e, de fato, em alguns momentos algumas pessoas se sentiam intimidadas como o ato de fotografá-las. No imaginário constituído dos participantes, meu momento de fotografia era apenas o momento da dança, assim, ao mirar a câmera para alguém fora do ambiente de dança, intimidava.

### 3 AFETAÇÃO E ETNOBIOGRAFIA

Como foi citado, Cosme Nunes foi o meu primeiro interlocutor onde a partir dele eu tive um direcionamento para prosseguir em pesquisas dentro do bairro Alto Alegre. Trabalhar com Etnobiografia dentro das ciências sociais ainda é um tema pouco discutido. De acordo com Antônio Gonçalves

A noção de etnobiográfico problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que de conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura. (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012. p. 20).

Assim, a dualidade destacada por Gonçalves existente entre pessoa e cultura, pode ser repensada através do discurso de uma pessoa que está inserida no contexto cultural do Alto Alegre. Nesse caso, trabalhei com Cosme com o intuito de refletir como sua fala pode, de alguma forma, representar a cultura popular de um bairro.

Meu interesse por trabalhar esse tema da etnobiografia, não é com a intenção de enaltecer o interlocutor. Vejo nele e em sua trajetória na cultura popular do bairro um grande potencial de expressão ativa, a partir de sua vivência nas festividades. Capaz de aludir temas que pouco tem documentos. Portanto, meu empenho maior é trabalhar em conjunto com ele para que, no futuro, o bairro seja motivo de orgulho por seus moradores.

Andrea Barbosa (2016) observa que o afeto no momento da fotografia tem que estar presente. A interação entre o parceiro de pesquisa e o pesquisador tem que ser mútuo, nesse tipo específico de pesquisa com imagens a regra número um é a proximidade. Barbosa fala: “uma abertura ao que a imagem poderia oferecer, provocar, fazer ver, fazer falar, fazer sentir. O afeto por sua vez abria espaço para imaginação” (p. 196).

Assim, ao conversar com Cosme fiquei curioso em saber como ele entendia o espaço que ele convivia. Importante enfatizar que ao ouvir a resposta dele fiquei bastante curioso em saber mais e mais das festividades de outrora. No decorrer da conversa Cosme destaca que:

Aqui sempre no alto sempre morou muito preto, então, quando fundou aqui a quadrilha a maioria era tudo preto, o coco que nem dona Nazarete disse, era tudo preto, branco não chegava para dançar, fogueira no meio e a gente dançando ao redor, coco. Então aqui a gente, o negro aqui sempre foi muito positivo, depois que nem a gente falou, as coisas foram mudando aí começam

aquela coisa, de consideração que não tem, o respeito que não tem que nem era. Discriminação, que você mesmo me falou, eu também já fui discriminado. Porque esse nego, não sei o que. Mas deixa para lá somos todos filhos de Deus, né? A gente não vai estar discriminando ninguém, então aqui nesse Alto foi o nascimento das festas. Aqui toda vida foi alegre. É tanto que chama Alto Alegre e Alto da Mocidade. A mocidade com o alto alegre era só alegria. O carnaval que nem eu falei, São João, coco de roda, quando via circo para cá, aqui do alto era tudo em cima mesmo, toda vida o alto foi de alegria. (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 06/05/2016. Sumé – PB)

Cosme, pelo menos aparentemente, não tinha receios em estar sendo gravado. No dia em que chegamos para gravar em sua casa, tive que aguardar ele se produzir. Com uma camisa vermelha com bolinhas brancas e meias trocadas, saiu do quarto com sua boneca Rosinha, cheio de gingado e alegria, pediu para que colocasse uma música e começou a dançar. A dança inicialmente ficou na sala depois tomou a rua de sua casa. Todos eufóricos com tal apresentação, os moradores saíram de casa para olhar. Coincidentemente um carro com o som alto apareceu e parou ao nosso lado. Foi uma linda performance.

Cosme apresentou novos interlocutores de sua geração: Dona Nazaré de Carqueijo, sua vizinha. Descobrimos dados importantes do coco de roda e inclusive ela era uma dançarina da época. Estávamos com receio de fazer perguntas, mas Cosme conduziu toda a conversa, perguntando sobre as festividades. O depoimento dela foi muito enriquecedor, porque tínhamos outra perspectiva de discurso, dessa vez de uma mulher. Segue o diálogo dela com minha colega e interlocutora Cristina:

Dona Nazaré de Carqueijo: Antigamente tinha coco, e hoje nada disso tem, eu dancei muito coco. Era uma roda, fazia aquela roda e uma zabumba no meio batendo e a gente tudo dançando. Pisava num lado e pisava noutro, era desse jeito. Hoje em dia nada disso tem mais. Quadrilha eu não dançava mais o coco eu dancei muito.

Cristina: Quem era seu par?

Dona Nazaré de Carqueijo: Par a gente dançava, mulher com mulher, às vezes tinha homem. A gente dançava tudo de mão pregada, né Cosme? Tinha antigamente e hoje não tem mais. (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 6/05/2016. Sumé - PB).

Cristina volta a falar sobre o coco. A partir desse momento Cosme volta a conversa e cita o nome das dançarinas:

Cosme: Junto com dona preta, Diva, Rita preta, Carmelita. Ai a gente chegava e ficava se incherindo lá, rapaz novo mais entrava novo, mas entrava para

dançar. Dancei muito, era festa boa. (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 6/05/2016. Sumé - PB)

Triana e Gómez (2016) relatam que dentro da perspectiva antropológica o filme não se isola apenas em prol de um argumento para sua execução no gênero documental. Também é possível atentar os olhos ao processo e a relação recíproca entre sujeitos. Portanto, o filme assume o papel de expor narrativas, experiências e memórias de um determinado contexto social.

Ficou evidente, no ato das filmagens, que uma gama de informações vieram à tona. No momento era impossível dar conta de tantos discursos. A imprevisibilidade durante o campo imperou, não fazia ideia da quantidade de pessoas que eu ia conhecer e tantas histórias. O campo parecia ter me afetado de alguma forma. Estar inserido e contribuindo com o resgate da memória deles e documentar através de vídeo foi um ato que me deixou muito animado, pois me sentia contribuindo, dando um retorno às pessoas do bairro. A maneira como eles me tratavam e relatavam suas histórias contribuiu para meu engajamento com o campo de pesquisa.

Cosme reconhece sua popularidade em Sumé. E narra um episódio bastante curioso demonstrando o sentimento que os moradores sumeenses tem por ele.

Você sempre está andando por aí e pergunta, você conhece Cosme? Assim, assim – qual Cosme lá do Alto? Perguntam logo, Cosme lá do Alto? Sim. Ele é assim, assim, assim? (Características). Para ver o que eles vão responder. Eu faço com todo prazer a força da família né? Porque eu ficando mais velho, e vai chegando a idade, aquela ali mesmo (apontou para sua neta) ficava arengando para dançar comigo. (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 6/05/2016. Sumé - PB)

Percebendo os sinais corporais de Cosme durante sua fala, ficou evidente o seu orgulho em ser popular na cidade. Sua filha e neta estavam presentes durante nosso diálogo, o sentimento de honra em pertencer a família dele e poder dançar junto com ele durante o São João chega a ser motivo de disputa entre elas. Portanto, aqui, a ligação entre pesquisador e pesquisado, provoca no âmbito reflexivo do discurso uma distinção entre o discurso narrativo e o discurso autobiográfico. Segundo Bertaux (1997), o discurso narrado com base na relação mútua é conduzido pelo pesquisador afim de ponderar as experiências narradas até chegar no ponto específico do seu objeto de análise.

Durante a nossa conversa, Cosme também expressou momentos de conflitos ao fazer suas performances na cidade, fora o caso de racismo (citado na introdução deste trabalho) que

conversamos quando nos conhecemos no evento afro supracitado. O próprio descreve o ocorrido:

Estava no mercadinho de Odon (centro de Sumé), encostado no banco ali, o sujeito foi passando e eu dançando um forró bem bonzinho mesmo. Aí o menino começou a tocar um xote, aí ligeiro fez com o dedo assim para mim (apontou o dedo levantando) e já mudou para uma marcha aí foi que eu botei pegado. Aí vem passando esse homem, olhou assim. Aí o rapaz do mercadinho que tava dividindo as músicas. Aí ele ficou assim e o homem foi passando, olhou e disse – Oxi! Esse véi dessa idade fica dançando com a boneca no meio da rua? Aí, depois de velho parece que tá ficando doido, dançando com uma boneca aqui no meio da rua. Aí o rapaz que tava no controle do som disse – O senhor está falando dele? Esse velho dançando no meio da rua aí fazendo essas coisas. Aí ele disse, o senhor tá dessa idade, me desculpe, ele é da idade que é, e o senhor nem novo fez um quarto da metade do que ele está fazendo, isso aí que ele tá fazendo é uma alegria pelo coração dele e a força que Jesus dá, isso aí é só alegria para ele e quem está assistindo, se o senhor não quiser assistir, saia. Ele foi embora, né? Aí tem gente que passa e eu estou dançando na frente do mercado. Aliás, o mês que entra o menino disse que vai ver se faz lá em tilineu, vamos ver se fazemos em duas feiras que eu to aqui, então eu dançando tem gente que passa e grita – ÊÊ!! Tá começando a endoidecer, né véi? Aí eu nem, é tudo gente que me conhece. – ÊÊ isso não é dama para tu não, que essa dama tá nova. Mas eu tô brincando, só alegria, né? Então faço uma pirueta, é isso aí, mas que tem gente que coisa, tem (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 6/05/2016. Sumé - PB)

As estratégias adotadas por mim na transcrição dessas falas aqui documentadas neste capítulo, foi justamente para focar na análise de três momentos narrativos distintos: do orgulho em residir no Alto Alegre e ter participado das festas antigas; do sentimento de orgulho em ser reconhecido na cidade; e das tensões advindas de suas performances com a boneca. Da mesma forma que existe admiração por parte dos moradores, também existem conflitos.

### 3.1 RAINHA DA SUCATA: MEMÓRIA & TRADIÇÃO

Conforme mencionado anteriormente, o processo de produção do filme Como antigamente me aproximou um pouco mais dos moradores. O desdobramento dessa relação de proximidade, resultou em diversas intervenções de cunho exploratório dentro das tradições do Alto Alegre.

Rainha da Sucata é uma quadrilha junina que nasceu na década de 80 no Alto Alegre, e ainda hoje com diversas dificuldades financeiras por parte da prefeitura, mantém suas atividades. Vale salientar que antigamente a referida tinha mais força entre os moradores. Hoje

uma pequena parte da população se apresenta e está mesclada entre jovens e adultos, O marcador e fundador Titio, relembra o início da quadrilha:

Em 85, reuni o povo e montei a quadrilha, e pensei de me decepcionar, com vergonha, sabe? Pelo primeiro ano organizei a quadrilha e vou marcar, e o pessoal perguntando, - quem vai marcar a quadrilha? – eu mesmo vou marcar a quadrilha. – e tu sabe?? – vou fazer por onde, quem sabe, que não sai a quadrilha. Aí menino, meti o “sarrafo” no primeiro ano, aí pronto, tomou conta. Para começar organizei a quadrilha, foi logo em competição, aí ganhamos, né? Em 85 ganhamos a competição de festa junina. Aí segui no próximo ano, fui com mais empolgação, já fui com mais motivação e foi aparecendo mais gente para dançar quadrilha, eu sei que em 86 a quadrilha começou daqui e foi bater lá no CRAS (cerca de 500m. Grifo meu) que naquele tempo era o grupo, nera? Eu digo, como eu vou marcar essa quadrilha? E eu fiquei naquela sem querer tirar ninguém, é gente demais. Ai isso foi no ensaio. E quando começou a se apresentar as quadrilhas eu digo, como vou fazer essa quadrilha no dia? Como eu vou apresentar essa quadrilha com o tanto de par desse. Aí fizemos o pavilhão. Aí foi chegando gente, foi chegando gente. Eu sei que deu 80 pares de cada lado 160 pares a quadrilha. Aí eu digo – meu deus do céu. É o seguinte, ô gente, vocês têm que me ajudar, porque se vocês não me ajudarem essa quadrilha não sai não. E o pessoal, menino misturado com adultos e foi eu fui marcando a quadrilha fui desenrolando o negócio, eu sei que a quadrilha saiu boa e todo mundo ficou admirado, foi onde saiu uma filmagem que levaram para São Paulo (Conversa transcrita de gravação de vídeo 04/04/2016, Sumé/PB).

Titio cita uma gravação de 86, que foi levada para São Paulo. Quando ele se referiu a filmagem, minha curiosidade aumentou, pois, estava interessado em recolher o máximo de material possível para analisar posteriormente e criar um acervo etnográfico de imagem, ter discursos do fundador da quadrilha, é de total importância para me situar sobre a história da quadrilha, portanto em conversa informal pude gravar o seu depoimento sobre o início e a trajetória da quadrilha Rainha da Sucata, segue o trecho de nossa conversa:

Cosme dá as peças que nós temos, mais antigo é uma coisa rara, é um personagem fantástico, gosto muito de “Cormo” um dos dançarinos que ensinou muita gente dançar aí. Quem me incentivou a fazer a russiana<sup>11</sup> foi Cosme. A quadrilha de Sumé que dança a russiana é só essa aqui, Rainha da Sucata. Essa rainha da sucata em 85 foi fundada através daquela novela. Eu vi aquela novela aí reuni um bocado de gente e perguntou que nome a gente ia colocar na quadrilha, vamos fazer a faixa com que nome? Aí eu disse, Cosme e aí? Arraial Rainha da Sucata. E aí pegou. Aí tem a Rainha da Sucata infantil e adulto. A das crianças entra primeiro logo em seguida a dos adultos. Ele sempre vem com uma personagem, quando não é uma coisa, é outra. E Cosme é demais é a base da Rainha da Sucata (Conversa transcrita de gravação de vídeo. 04/04/2016, Sumé/PB).

---

<sup>11</sup> Dança famosa inaugurada pela quadrilha Rainha da Sucata,

Titio lembra da figura de Cosme como uma peça fundamental dentro das tradições juninas do Alto Alegre. Certa vez fui conversar com João, morador do bairro e trabalha na universidade. Perguntei se ele tinha alguma lembrança de Cosme nas festas. Ele ficou me olhando e pareceu não entender a pergunta. Ao perceber isso, indaguei e reforcei: “você lembra dele nas festas de São João?”. Após meu questionamento sucintamente ele me corrigiu e disse que para ele festas, são shows de bandas com estrutura de palco. E diferentemente disso quadrilha representava algo que não seria uma festa e sim uma manifestação cultural tradicional. Em seguida, ele relembrou as quadrilhas de sua infância e as apresentações de Cosme.

Durante meu campo obtive uma cópia DVD com as apresentações da Rainha da Sucata de 1997. Contém mais de 2 horas de filmagens de várias competições dentro e fora de Sumé. Os participantes da quadrilha daquele ano não sabiam da existência dessa filmagem, então ao saber disso, me propus em levar para eles assistirem e filmar eles assistindo.

Cheguei no Alto Alegre por volta das sete horas no Alto Alegre e ia exhibir a gravação na casa de Cristina. Aos poucos as pessoas foram chegando e dez minutos após a sala estava de expectadores.

Me posicionei estrategicamente para que eles não se sentissem inibidos por conta da câmera que estava no tripé e também para pegar uma visão ampla da sala. O sentimento de nostalgia estava evidente nos discursos dos integrantes. Sorrisos, gestos e lembranças vieram à tona ao assistirem a filmagem.

No total tenho mais de uma hora de filmagem em meu acervo etnográfico, com diversas percepções e diálogos dos membros, para não estender, destacarei pontos que me chamaram atenção na fala deles. E o discurso de Cosme e João sobre o dia em que puderam se assistir depois de tanto tempo.

A competição dentro da organização interna das quadrilhas é o ponto de maior força. Existe toda uma dinâmica de sistematização que conta com ensaios, procura do tocador de sanfona, customização das roupas e etc... Portanto é uma relação interpessoal e intergrupual que começa períodos antes das apresentações (MENEZES NETO, 2010).

Diante do exposto, os discursos que mais imperavam no momento da exibição era a vontade da retomada da quadrilha em competições, muito embora a quadrilha ainda hoje mantenha suas apresentações. Mas as competições não têm mais força como antes. Enquanto o vídeo estava da quadrilha estava passando na televisão, houve um momento do diálogo entre eles que me chamou bastante atenção:

Vizinha de Cristina - Ninguém dança quadrilha tão bem como a gente dançava na época da gente.

João – Dança não.

Vizinha de Cristina – Não dança, é a verdade, é uma coisa que você não fica com vergonha de assistir, pelo contrário, se sente lisonjeado de tá assistindo aquilo ali que você viveu, na sua época. É muito gostoso isso aí. É lindo

João – E hoje em dia a gente não vê um negócio desse.

Vizinha de Cristina – Todo mundo bem trajadinho em fileirinha

Alexandro – Quando a gente vê assim, sabemos o valor tão grande que tem

Cristina - é um valor cultural, e quem está deixando isso morrer? Somos nós mesmos. Por isso e por aquilo a gente vai deixando

Vizinha de Cristina – é uma pena ter acabado, era para ter mantido essa tradição, muito bonito. Olha eu aí, agora foi que eu vi (8/05/2016. Sumé – PB)

Pude perceber ao analisar os discursos dos mesmos que a quadrilha em si carrega símbolos que são compartilhados entres os membros. Portanto, tal qual ressalta Menezes Neto (2010) valores e experiências criam neles uma harmonia que ao se perceberem no vídeo relembra momentos na qual sentem orgulhos de terem participados. O conflito existente durante o processo é a desorganização, que por motivos não mencionados, foi deixando com que a quadrilha fosse perdendo força aos poucos. Interessante que há um reconhecimento de que o motivo dessa quadrilha não ser como antes é culpa também deles.

Foi um momento interessante de se analisar, pois, diversas histórias foram elucidadas a medida que a filmagem ia se estendendo. Ao final fui conversar com Cosme e depois fui até João e perguntei o que eles tinham achado dessa exibição. Cosme lembra com emoção e diz:

Muito bacana, muito bacana dá aquele “sobroço” na gente da época, né? [...] aliás minha esposa estava ali do outro lado na quadrilha, olhando, né? Das muitas coisas foi ela quem fez. Muito bacana, é como o menino falou ali agora, formar pelos menos onze pares de um lado e onze de outro, dá vinte e dois pares. Então se a gente não conseguir fazer ali, faz aqui na frente da academia dos meninos. Tem muitos que querem brincar, mas se a gente não combinou. (Fomos interrompido com um barulho externo) [...] mas você tá vendo, o pisadinho todinho e o ritmo que a gente não tem mais, tem que ensaiar tudo bem direitinho, principalmente a Russiana, para não deixar falhar.

A emoção estava contida em seu olhar, ficava evidente em cada palavra sua o desejo em voltar a ter uma articulação do pessoal do bairro para voltar a ensaiar. Em seguida conversei com João e lhe fiz a mesma pergunta proferida a Cosme, e sua resposta também veio com emoção:

Rapaz, depois de ver essas imagens eu estou muito emocionado. Depois de 19 ou 20 anos, eu tinha o que nessa época, uns 14 anos. Fiquei muito emocionado mesmo com essa filmagem, não tinha visto ainda é por isso que eu perguntei a Cristina, estou louco para ficar com um CD desse, porque isso é uma relíquia né? Eu participei bastante dessa quadrilha aqui do nosso bairro, uma quadrilha muito falada na nossa região do Cariri, quando a gente ia dançar o pessoal ficava doido para ver os ensaios e as apresentações da gente e essas imagens eu fiquei muito emocionado mesmo, muito, muito mesmo, porque eu não tinha visto ainda. Se outras pessoas se reunirem para montar uma quadrilha daquela geração eu estou dentro, eu faço de tudo para dançar, não é todo mundo que teve a oportunidade de dançar nessa época, Cristina tá aqui, ela não dançava mas era uma quadrilha se dissesse assim – A quadrilha do Alto, Rainha da Sucata. Todo mundo ia olhar e não era coisa de trinta ou quarenta pessoas não, lotava mesmo o espaço, pedia licença para entrar e agradeço a vocês a oportunidade de terem me chamado

Com base na produção compartilhada do conhecimento, elucidado por Bairon e Lazaneo (2012) em que os mesmos, reiteram a aproximação entre pessoas mesclando saberes acadêmicos e comunitários. Essa duplicidade exposta pelo autores, ficou evidente no momento em que eu pude através de uma pesquisa acadêmica levar aos moradores do Alto Alegre a gravação do São João de 1997 e perceber suas emoções, memórias e gestos com as filmagens. Portanto prossigo esse tópico com a perspectiva da antropologia compartilhada que proporciona interações entre sujeitos, rompendo a barreira institucional que, por vezes, segrega o pesquisado do pesquisador.

O próximo tópico será uma vivência proporcionada através de uma oficina de fotografia onde levei para escola de maneira desmiuçada conceitos práticos da antropologia visual para trabalhar com artistas populares da cidade, e tive a oportunidade de contar com Cosme nessa vivência, tal como citei anteriormente.

### 3.2 EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NA OFICINA DE FOTOGRAFIA.

Após meu período de pesquisa em campo, tive a preocupação em levar as fotografias que tirei dos interlocutores, para retribuir a ajuda que os mesmos me deram no desenrolar da pesquisa. Estava bastante entusiasmado com o trabalho e de poder ter as fotografias físicas dos integrantes da cultura popular sumeense.

Coincidentemente, fui solicitado para ministrar uma oficina na escola Zélia Braz, como foi mencionado. O trabalho consistia em ministrar aulas de fotografia de celular para crianças, com o objetivo de atualizar um banco de dados elaborado pela escola com informações e fotografias de artistas locais.

Diante dessa oportunidade comecei e estudar metodologias de como ministrar de maneira compreensível noções de antropologia visual para crianças. Foi um momento bem desafiador. O discurso acadêmico ressignificado para uma linguagem de alunos de 10 anos.

No primeiro dia me apresentei para quebrar a tensão da turma. Logo em seguida passei o filme “Como Antigamente” para mostrar a importância da documentação através de recursos audiovisuais, sempre contextualizando para o uso do celular. No final promovi um debate procurando saber deles o que eles entendem por cultura popular para assim prosseguimos na dinâmica das aulas. Importante enfatizar que por serem crianças, trabalhei sempre com atividades práticas para evitar monotonia. As primeiras duas aulas foram apenas conversas seguidas de vídeos.

Antes de entrar nas explicações sobre fotografia, achei uma saída que possibilitasse aguçar a percepção de detalhes antes de fotografar, que vinha a ser o desenho. Então contatei Cosme para que contribuísse com o projeto e ele topou. Fiquei bastante contente em poder fazer essa intervenção com os alunos e também era mais uma oportunidade de estar com Cosme e perceber que eu poderia dar mais visibilidade a ele junto ao público infantil da cidade.

Quando cheguei na escola com Cosme descaracterizado, avisei aos alunos que teriam uma surpresa. Percebi que houve uma euforia momentânea em descobrir do que se tratava essa surpresa. Então subi com Cosme para que ele pudesse se arrumar e só assim eu chamar os alunos para sala de aula.

Cosme se arrumou e primeiro já tinha uma aluna na porta querendo saber do que se tratava, quando eu pedi que entrasse ela soltou um comentário no momento que me deixou bastante envergonhado: *“é essa a surpresa? Pensei que fosse algo importante”*. As crianças foram chegando e não entendiam porque aquele senhor negro estava vestido com uma roupa de palhaço e com uma boneca ao lado. Alguns o reconheciam do filme, outros não estavam na aula do filme.

Primeiramente, fiz uma breve introdução de Cosme aos alunos e, em seguida, expliquei como seria a atividade. Meu interesse nessa atividade era que as crianças desenhassem Cosme, analisando os detalhes que estavam em volta dele, tipo: quadro, mural, cadeira. O intuito dessa atividade era melhorar a percepção das crianças com relação às pessoas e os espaços.

As crianças quando acabavam faziam questão de mostrar a ele primeiro. Percebia no sorriso dele que estava bastante contente. Após essa atividade eu daria uma aula prática sobre enquadramento fotográfico, usando-o como modelo para a turma.

Nas dicas fotográficas exaltei a importância do texto em conjunto da fotografia. Então como proposta da oficina pedi que após os registros fotográficos os alunos colhessem

informações sobre a vida de Cosme que fossem relevantes para o banco de dados. As próximas fotografias demonstram o momento na qual as crianças vão conversar um pouco com Cosme sobre suas práticas e experiências pessoais.

Para as pesquisas de cunho antropológico, pensar no ato da fotografia, nos leva a seguinte compreensão e sensibilidade: qual tipo de imagem queremos fabricar e obter o resultado que quero mostrar (Peixoto, 2014; p.137) importante saber a intencionalidade da fotografia. Como não pude introduzir autores para discussão dessa oficina, coloquei de maneira implícita algumas lições antropológicas para contribuir na vida das crianças. Por exemplo: saber a intencionalidade da fotografia antes de tirar e o acompanhamento do texto na fotografia.

Ter Cosme como parceiro nesse momento foi muito importante para mostrar às crianças que dentro da cidade de Sumé, também tem personalidades importantes para a cultura da Cidade, tão importante como Zé Marcolino<sup>12</sup> ou Miguel Guilherme<sup>13</sup>. No final da atividade uma aluna trouxe a Cosme o que tinha escrito sobre ele:

Cosme é uma pessoa engraçada e quer ver todos felizes sempre, a profissão dele é ser humorista. Ele sempre estar em casamentos, festas, aniversários e etc... Idade 67 anos. Ele tem 7 filhos, os filhos deles são: Levina, Léa, Isabella, Anabel, Flavia, Flavio, Fabinho. Ele mora em Alto Alegre nasceu em Sumé, nasceu em 1948. Pai Belardino Nunes de Lima. Mãe Antonia Bezerra Nunes. O pai e a mãe dele já faleceram, ele já se apresentou nos sítios e etc (1/12/2016. Sumé/PB).

Essa atividade foi importante para provocar nos alunos a curiosidade em saber sobre a história de quem se fotografa. O uso do celular, geralmente, para fotografar está associado para selfies e fotos rápidas. Pensar a fotografia em conjunto com um texto com informações importantes é algo que a Antropologia Visual se propõe desde as primeiras pesquisas em que a câmera fotográfica foi aliada de pesquisa ( BATESON, MEAD. 1925).

Nessa Perspectiva Achutti (1997) ressalva que o olhar do antropólogo sensível e treinado para perceber os fenômenos recorrentes, juntamente com a técnica fotográfica consegue fazer um trabalho foto etnográfico consistente, sem se ater a meras fotografias que visa o estético sem passar nenhuma informação antropológica. Então o texto etnográfico junto com as fotos consegue causar maior profundidade na hora dos resultados.

Portanto finalizo esse capítulo expondo algumas fotografias tiradas durante a oficina e ressaltando a importância de trabalhos com crianças com foco no potencial criativo que

---

<sup>12</sup> Foi um poeta e compositor brasileiro.

<sup>13</sup> <http://artesvisuaisparaiba.com.br/artistas/miguel-guilherme/>

surpreende. Trabalhando desde a base e tendo incentivo para oficinas como essa, o celular se torna um aliado à foto documentação na perspectiva de cada realidade local.

#### **4 FOTOGRAFIA ETNOBIOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES DA FOTOGRAFIA PARA A ANTROPOLOGIA**

Durante minha trajetória etnográfica, a câmera fotográfica foi minha maior aliada, tive a sorte também de ter um interlocutor que sentia prazer em posar para fotografias. Assim, me proponho neste capítulo em expor algumas fotografias que fazem parte do meu acervo pessoal de pesquisa e que documenta um personagem tão importante para a memória do bairro Alto Alegre.

Com base no trabalho fotográfico produzido por Prelorán (2008) onde o próprio registrou o cotidiano de um artesão argentino, chamado de Hermogenes Cayo. A obra traz consigo diversos significados e a legenda que acompanha as fotografias são os discursos de Cayo sobre os locais percorridos. A obra simboliza o trabalho compartilhado e o marco para o trabalho etnobiográfico.

O trabalho fotográfico de Mead e Bateson (1942) também elucida a relação da fotografia em pesquisas etnográficas. Considerado o marco do gênero, os autores foram os primeiros a utilizarem fotografias para sistematização dos resultados obtidos em campo. O livro *Balinese Character* (Caráter balinês) é composto em sua maioria por fotografias e acompanha um pequeno texto introdutório explicando o que cada imagem representa.

Gardner e Heider (1968) seguindo a perspectiva adotada por Mead e Bateson, também compõe um livro fotográfico denominado de *Garden of War: Life and Death in The New Guinea Stone Age* (Jardim da Guerra: Vida e Morte na Idade da Pedra da Nova Guiné) o livro está dividido em seis capítulos. Cada parte representa um recorte, na qual o pesquisador decidiu focar o seu olhar: Aparência, Habilidades, Nutrição, Jogar, Fantasmas e Violência. Cada fotografia presente no livro causa bastante reflexão pois, a proximidade na qual o pesquisador estava resultou em fotografias encantadoras.

Com base nos clássicos supracitados, iniciarei no próximo tópico o ensaio fotoetnográfico de Cosme Nunes acompanhado de textos apresentando minhas percepções e diálogos que tive com o mesmo.

#### 4.1 ENSAIO FOTOGRÁFICO: COSME NUNES

**Fotografia 1 - Cosme dançando com Rosinha em sua sala**

**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 07/05/2016

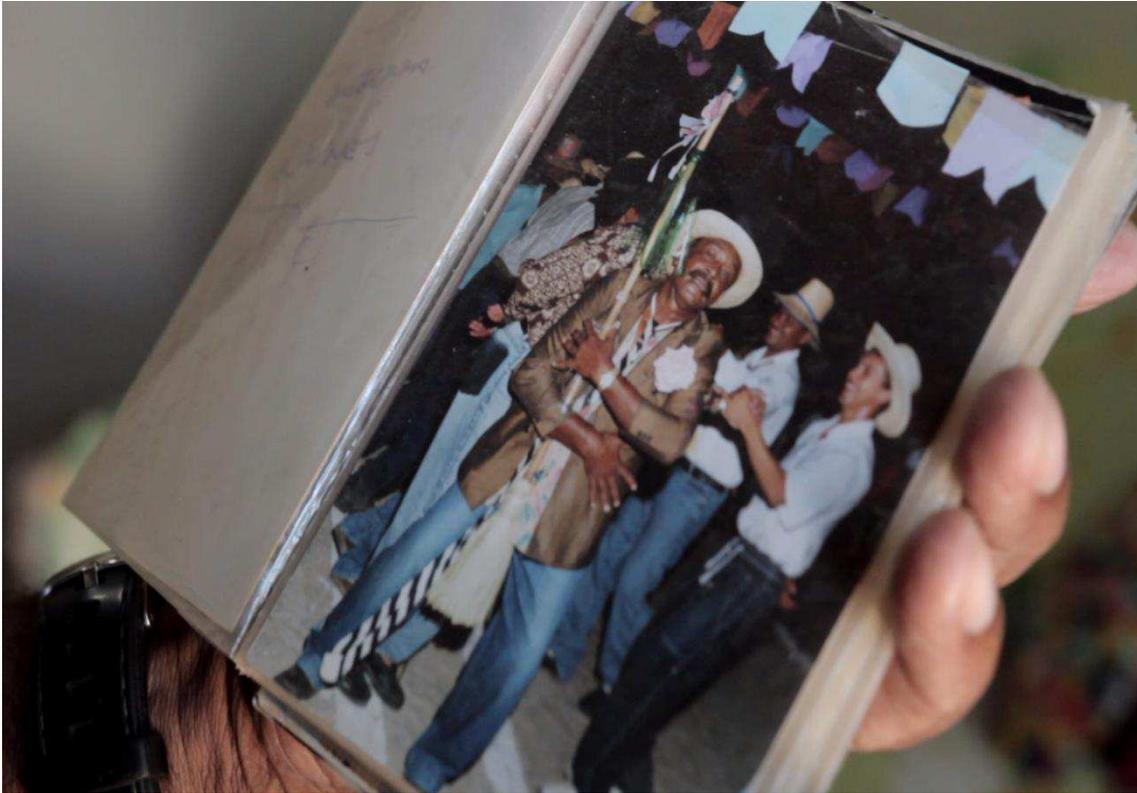
Fui até a casa de Cosme juntamente com a equipe de filmagem do filme *Como Antigamente*. A fotografia representa o momento onde Cosme está dançando com sua boneca denominada Rosinha, após esse momento ele sai de casa dançando com ela chamando atenção de toda a rua.

**Fotografia 2 - Chita e Cosme**

**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 07/05/2016

Ao fundo mostra os moradores que saíram de suas casas para ver a performance de Cosme. Minutos antes de Cosme me levar até a casa de Dona Nazaré de Carqueijo. Data: 07/05/2016 (Acervo da pesquisa)

**Fotografia 3** – Cosme com e sua vassoura.



**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 06/05/2016

“Está vendo como a gente se vestia? Repara o tamanho da gravata, vem para o pé, está vendo? Ai aqui eu fui só tinha o cabo e a vassoura e eu digo, vamos forjar um negócio aqui para fazer um enfeite, então colocaram um laço, está vendo? O chapéu era esse, sempre, sempre. Chapéu de palha ou de couro, sapato, negócio de estar de sandália, não. Ou alpercata ou sapato e brincar sempre, camisa coisada (arrumada), camisa assim não era, não na época (ele fez referência a blusa polo que estava usando.)”

**Fotografia 4 – Cosme na Feira**

**Fonte:** Acervo da pesquisa.

Em umas de nossas conversas informais, Cosme declarou ter uma relação muito afetiva com a feira, local onde já trabalhou como vigia. Desde então sua presença é garantida toda segunda feira, dia de feira na cidade. Certa vez me contou que passou por uma cirurgia e ficou duas semanas sem comparecer, quando retornou o pessoal perguntou “onde tu estava Cosme? Faz tempo que não vem!” (Contou essa história aos risos). Ao contar essa relação fiquei curioso e como proposta metodológica o encontrei na feira e percorremos diversas bancas com um microfone de lapela acoplado em sua camisa para gravar o áudio de nossa conversa. Andamos por volta de trinta minutos e conheci alguns feirantes através dele.

**Fotografia 5** - Cosme no São João do Alto Alegre



**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 25/06/2016.

A rua do Alto Alegre estava bastante arrumada para as apresentações da quadrilha. Cosme pediu que eu tirasse foto dele nesse espelho junino. Data: 25/06/2016

**Fotografia 6 -** dupla dança com a boneca



**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 25/06/2016.

Duas gerações são evidentes na fotografia: Cosme e a criança (ao fundo da fotografia) que se identificou com ele e repetiu seus passos ao dançar com sua boneca de pano. Fotografar durante o campo, possibilitou analisar a posteriori os detalhes que passaram despercebidos no ato, como poderá ser visto ao longo deste trabalho.

**Fotografia 7 – Oficina de fotografia no Zélia Braz**

**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 01/12/2016.

Cosme estava se apresentando para as crianças na oficina, essa atividade corresponde ao momento em que pedi que os alunos fizessem um desenho dele. Ficou em pé por alguns minutos para as crianças fazerem o esboço e analisar os detalhes que estavam em sua volta para pôr em seus desenhos. Data: 01/12/2016

**Fotografia 7** – Desenho de Normanda Ramos



**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 01/12/2016.

Desenho da Aluna Normanda Ramos Batista. Essa atividade foi importante para trabalhar composição fotográfica, admirável observar que a aluna desenhou o que estava em volta de Cosme, como: o quadro branco, mural de texto e o chão que pisa. Atentar para essas questões no desenho pode ajudar na hora de fotografar. Data: 01/12/2016

**Fotografia 8** – Se vendo pela primeira vez

**Fonte:** Acervo da pesquisa. Captada em 08/05/2016.

Frame do vídeo que gravei dos integrantes da quadrilha Rainha da Sucata, assistindo a quadrilha de 1997 pela primeira vez. Esse momento para Cosme foi bastante emocionante, os gestos das mãos acompanhando o ritmo da música junto com seu pé demonstrou a euforia em assistir. Houve um momento em que ele se levantou e começou a se coçar e dizer, estou me coçando para dançar.

### Fotografia 9 – Lembrança de outrora



**Fonte:** Acervo da pesquisa.

Frame do DVD da quadrilha de 97, Cosme dançando com sua boneca de pano feito pela sua ex-esposa que hoje reside em São José de Egito. Antes de dançar com essa boneca, Cosme dançava com uma vassoura personalizada (ver fotografia 3). Com o tempo a produção de suas danças foi aumentando e hoje ele está com Rosinha.

**Fotografia 10 - Animação contagiante**

Cosme animando a quadrilha da associação de capoeira do Alto Alegre, todas as gerações estavam presentes na festividade. Cosme é marca registrada, juntamente com sua boneca rosinha. Data: 25/06/2016

**Fotografia 11 – Brincante**



Antes de colocar o equipamento de áudio em Cosme, ele me mostrou como os animais do açougue eram cortados para venda. Então fui com ele até a sala de corte. Cosme brinca como se o equipamento de arma fosse uma arma apontada para ele, começa a se tremer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho buscou-se analisar e pensar como a figura biográfica de Cosme Nunes pode refletir elementos culturais do bairro Alto Alegre. Com auxílio do suporte audiovisual, fui a campo com o intuito de montar um acervo, para que no futuro pudesse servir como material biográfico a ser consultado, para fins didáticos e como memória para as pessoas do campo. A pesquisa constituiu em mais de um ano de trocas de experiências que possibilitou participar de algumas festividades que Cosme estava presente, entre outros momentos significantes e relevantes de sua vida.

Conversando com Cosme pude notar que o mesmo tinha forte influência dentro da cultura popular do bairro Alto Alegre. Minha premissa inicial foi ir à campo afim de responder essa indagação, com medo de ser apenas uma afetação saudosista. Felizmente consegui atingir meus objetivos de pesquisa, a partir do diálogo com moradores pude notar a importância de Cosme, principalmente nas quadrilhas Juninas, e também compreender como a admiração que os moradores tem por ele ultrapassam gerações.

Os recursos imagéticos foram de fundamental importância para o procedimento dessa pesquisa, inúmeras fotografias e filmagens foram feitas sem nenhuma restrição do autor, tal atitude colaborou para a efetivação da pesquisa como um todo. Com as adversidades por mim citadas no início, consegui com persistência permanecer in lócus com a câmera e ganhar a confiança dos moradores.

Com fundamento nos teóricos clássicos que utilizaram a fotografia como recurso metodológico, pude agregar suas contribuições para montar o terceiro e último capítulo deste trabalho. As fotografias tiradas em campo, além de compor esse trabalho servirão de documento histórico e de motivação para que os moradores tenham maior preocupação em documentar os festejos e personalidades do bairro.

Essa pesquisa motiva ainda para que futuras análises venham a ser efetivadas, a quantidade de histórias e elementos culturais que surgiram durante campo, me instigaram em poder voltar, em momento posterior contribuir mais com a cultura do coco de roda que por motivos torpes (racismo)<sup>14</sup> deixou de existir na Cidade. Portanto finalizo esse trabalho com

---

<sup>14</sup> O Alto Alegre tinha uma tradição cultural do Coco de roda, por ter em sua maioria pessoas negras de periferia dançando, os moradores do centro da cidade não queriam dançar junto com eles por preconceito racial e social. Tal como cita Roberto de Barata, entrevistado para o filme Como Antigamente. Zé Marcolino, compositor sumeense também cita esse coco em sua música Coco Paraibano: <https://www.youtube.com/watch?v=il6ucWwhs1o>

enorme orgulho das contribuições que minha etnografia trouxe à memória dos moradores e quem sabe levar uma discussão para secretaria de cultura da cidade, com o intuito de futuros projetos culturais sejam efetivados para reconstrução da tradição do coco e das quadrilhas de bairro.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho, Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

BARBOSA, Andréa; NOVAES, Sylvia Caiuby ; CUNHA, Edgar Teodoro da ; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. **A Experiência da Imagem na Etnografia**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. v. 1. 343p .

BATESON, Gregory & MEAD, Margaret. Balinese character. Photography analysis. New York: New York Academy of sciences, 1942.

BERTAUX, Daniel. **Les Récits de Vie**. Paris: Nathan, 1997.

CALDEIRA, T. P. R.. Enclaves Fortificados: a Nova Segregação Urbana. Estudos Cebrap, São Paulo, v. 47, p. 155-176, 1997.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua e câmera na mão**. S.l: s.n, 2002. Disponível em: < <http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm> >. Acesso em abril de 2017.

ECKERT, CORNELIA; ROCHA, A. L. C. . Documentários Etnobiográficos em etnografias da duração Filmar narradores em seus tempos vividos e espaços praticados. **Revista Visagem**, v. 2, p. 117-136, 2016.

GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Zilkán. **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

GARDNER. Robert , HEIDER. Karl G. Gardens of War: Life and Death in the New Guinea Stone Age.1972

GONÇALVES, M. A. T.; MARQUES, Roberto (Org.) ; cardosos, Vania Zikan (Org.) . **Etnobiografia**: subjetividade e etnografia. 01. ed. rio de janeiro: Editora 7letras, 2013. 266p .

LAZANEO, Caio ; BAIRON, Sergio . Produção Partilhada do Conhecimento: do filme à hipermídia. In: Costa, Maria Cristina. (Org.). **Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão**. São Paulo: Intercom, 2013, v. 04, p. 57-79.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc. [online]**. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.

MENEZES NETO, H. . Usos e sentidos das categorias Arte e Cultura Popular no Mundo Social das Quadrilhas do Recife - PE. In: **Circuitos da Cultura Popular Rio de Janeiro**. Circuito da Cultura Popular, 2010. p. 7-26.

NOVAES, Caiubi Sylvia. A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia. **Revista Iuminuras**, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso das imagens e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, B.; MOREIRA L. M. **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. São Paulo: Papirus, 1998 / 2001. p. 231-224.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Antropologia visual: como transmitir esse conhecimento?. In: Ana Lúcia Camargo Ferraz; João Martinho de Mendonça. (Org.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. 1ed.Brasília: ABA Publicações, 2014, v. 1, p. 133-140.

PRELORÁN, Jorge. **El cine etnobiográfico**. Buenos Aires: Catálogos, 2006. 184.

PRELORÁN, Jorge. **Hermogenes cayo “soy santero de profesión”**. S.n: s.l, 2008.

TRIANA, B. N. C.; GOMEZ, D. . A análise fílmica na antropologia: tópicos para uma proposta teórico-metodológica. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana; NOVAES, Sylvia Caiuby. (Org.). **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016, v. 1, p. 109-126.

VELHO. Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade: Ensaios de Antropologia Urbana**. Seleção e apresentação: Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.